

seu Filho, e do apreço divino aos homens e mulheres que testemunharam a glória de Deus por suas vidas de Fé. A Fé educada reconhece, enfim, que o ar que ela respira provém do Pai e do Filho, pelo Espírito, pois só se pode reconhecer e amar a Deus *porque Ele nos amou primeiro* (1Jo 4,19). É por isso que o crente - que se cultiva permanentemente na Fé - sempre dirá, no anseio de que a plenitude se cumpra: *Vem, Senhor (Marana tá)!*

A Fé - que se educa permanentemente - sabe que a Honra, a Glória e o Poder pertencem ao Pai. Mas percebe que no reino e na vontade dos da terra certas coisas são diferentes, antagônicas até. Por isso Jesus prevenira que seu reinado *não é deste mundo* (Jo 18,36). Isto quer dizer que até podem os poderes, as honras, e as glórias do reino desta terra parecer o sentido último das coisas. Todavia não é assim. Deus não dirige o poder da terra, mas *olha os soberbos de longe e se inclina para os humildes* (Sl 138,6), velando por seus filhos e filhas amados. O julgamento do reino da terra se realizará, e então *o que era loucura para os gregos e escândalo para os judeus, o Crucificado/Ressuscitado, se manifestará como a Sabedoria e a Força de Deus* (1Cor 1,23-24). O Cristo, vencedor da morte, e glorificado pelo Pai, é a

*primícia dos que morreram* (1Cor 15,20). Neste sentido é que o crente pode desafiar a própria morte, a "última inimiga": *Ó morte, onde está a tua vitória?* (1Cor 15,55)

Aqui, a lição (educação) da Fé se torna um esvaziar-se dos critérios do reino do mundo para plenificar-se de Deus, mesmo que se vejam só as cruces cotidianas da vida. A certeza da Fé é a *garantia* (cf Hb 11,1) não só da nossa ressurreição no Senhor Jesus, mas é também a glória glorificante do Pai.

---

\* O Autor é Doutor em Teologia e Professor de Missiologia, Patrística e Teologia Sistemática

**Endereço do Autor:**

*Pároco dos Sagrados Corações  
rua Pres. Rodrigo Otávio, 1650  
80040-230, Hugo Lange, CURITIBA, PR*

---

**Fraternidade e Educação**

---

# Educação da Fé e Evangelização Inculturada

## Desafios no Umbral de um Novo Tempo

*Agenor Brighenti\**

### INTRODUÇÃO

**A** Educação, tema da Campanha da Fraternidade da Igreja no Brasil para 1998, não se restringe a uma reflexão e ação em favor da educação formal ou informal. A Igreja, como um todo, é uma comunidade educativa (da fé), educanda e educadora, na medida em que evangeliza (*ecclesia docens*) e se deixa evangelizar continuamente (*ecclesia discens*).

Como toda verdadeira educação (*educere*=tirar de dentro), uma autêntica evangelização não se impõe. Ao contrário, segundo o modo de Deus, se propõe, numa relação de respeito pela alteridade. E, também, como toda revelação é recebida segundo o

modo de seus receptores (Tomás de Aquino), uma verdadeira evangelização implica um processo endógeno de assimilação sintética (não sincrética) do dado novo, a partir das matrizes da própria cultura. Em outras palavras, a uma educação da fé corresponde uma evangelização inculturada.

De modo especial na América Latina, pela trajetória original da Igreja no Continente durante o período do pós-concílio, concretamente no âmbito de uma educação inculturada da fé, apresentam-se desafios muito concretos. Só para citar alguns, a continuidade de um processo de evangelização inculturada implica em aprender a saber inovar, em saber desconstruir e em saber reconstruir.

Em primeiro lugar, saber inovar, pois estamos no umbral de um novo tempo, que apresenta novas perguntas, tornando obsoletas nossas constumeiras respostas. Não há como negar que passamos por um momento de desmobilização, de cansaço histórico, de fragmentação e, porque não dizer, de dispersão e individualismo, também no âmbito eclesial. E sem inovação ou criação, seremos atropelados pelo tempo e, o que é pior, ainda que inconscientemente, acabaremos engrossando as fileiras dos milenaristas, que alimentam uma visão fatalista ou catastrófica da história. Ora, uma educação inculturada da fé leva, inevitavelmente, a inovar, a uma Igreja culturalmente nova.

Em segundo lugar, uma educação inculturada da fé implica em saber desconstruir. É impossível o novo, se um espaço não lhe for preparado. Para inovar, é preciso aprender a desconstruir, não a destruir. Destruir é fácil. Em se tratando de desmontar o que os outros edificaram, não é preciso ir além de vikings e bárbaros. Ainda mais numa perspectiva de fé, não basta saber o que não se quer ou o que não deve ser. Quem constrói o novo, não destrói o velho, mas o desconstrói. Tem uma visão prospectiva da história. Trata-se, então, do desafio hoje de elaborar uma nova versão de cristianismo ou de fazer uma releitura da fé a partir das novas perguntas lançadas pelo novo contexto, contexto este, portador de "sinais dos tempos", interpelações do Espírito.

Em terceiro lugar, a desconstrução é em vista de uma reconstrução. Educar-se para a desconstrução é colocar-se na perspectiva de uma reconstrução do ontem no hoje, em vista do amanhã. Também na fé, é impossível reconstruir sobre o vazio ou sobre o nada, nem que sejam cinzas ou até o pecado, também lugar da misericórdia. Não levar em conta a experiência passada, seja qual for, é negar a história e, portanto, a possibilidade de se fazer caminho, muito menos caminhos novos, no novo tempo e no novo contexto.

Tendo presente estas hipóteses de trabalho, a reflexão que segue se compõe de duas partes. Primeiro, trataremos de estabelecer a relação entre educação da fé e evangelização inculturada. Num segundo momento, tendo presente a atualidade da Igreja na América Latina, faremos emergir alguns desafios para uma educação da fé, em ordem a uma evangelização inculturada.

## 1. A UMA EDUCAÇÃO DA FÉ, CORRESPONDE UMA EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA

A rigor, ao buscar estabelecer a relação entre educação da fé e evangelização inculturada, se justificaria a explicitação do que se entende por "educação da fé", uma vez que é da inculturação que nos ocuparemos neste primeiro momento. Entretanto, vamos supor esta conceituação, pois não há espaço aqui

para discuti-la e nem é esse diretamente o objetivo deste estudo. Mas, ainda que de passagem, digamos simplesmente que, por educação da fé, entendemos o processo de anúncio, recepção e internalização da Boa Nova, tanto a nível pessoal como comunitário, que desemboca na vivência da positividade cristã, através da adesão ao sacramento de uma comunidade eclesial concreta.

Entremos, pois, diretamente no tema que nos ocupa, ou seja, explicitar a relação existente entre educação da fé e evangelização inculturada, ou melhor ainda, o que tem a ver fé cristã com inculturação<sup>1</sup>. Pedagogicamente, ajuda à compreensão desta nova categoria teológica - a inculturação - uma abordagem desde a perspectiva histórica, ou seja, desde a história da evangelização.

### 1.1. A inculturação como componente da própria Fé

A questão da inculturação é recente na reflexão teológica e pastoral, o que coloca na base da exigência de uma educação inculturada da fé a pergunta: seria a inculturação do Evangelho e a endoculturação e enculturação da Igreja<sup>2</sup> um imperativo pastoral oriundo da própria fé e, hoje, resposta ao desafio da pluralidade cultural e religiosa, que conquistou direito de cidadania com o advento da modernidade ou uma preocupação circunstancial e passageira?

Frente à questão, as posturas divergem<sup>3</sup>. Entretanto, ainda que seja inegável que o problema da inculturação sempre esteve presente na história da Igreja, o fato é que hoje, com o final do eclesiocentrismo, no pós-Concílio, a questão adquire pertinência e relevância para a Igreja universal, em especial na América Latina, por diversos motivos. No campo social, não se pode ignorar fatores tais como o progresso recente das ciências humanas, em especial da antropologia e da sociologia cultural e a propagação, por um lado, de uma cultura "universal" dominadora, invasora e colonizadora e, por outro, a tomada de consciência do valor e do direito de cidadania das culturas autóctones. No campo eclesial, a pertinência e a relevância da inculturação se devem sobretudo, entre outros fatores, à liberdade religiosa, ao progresso no campo da hermenêutica bíblica depois da afirmação da historicidade da Revelação feita pelo Concílio e ao resgate da universalidade ou catolicidade das Igrejas Locais. Estes fatores, e só para citar

---

*"Uma educação inculturada da fé leva, inevitavelmente, a inovar, a uma Igreja culturalmente nova"*

---

alguns, colocariam o desafio, neste final de milênio, da construção de um cristianismo *deliberadamente* multicultural<sup>4</sup>, ecumênico e macro-ecumênico<sup>5</sup>. Ora, isto para nós latino-americanos, implica a tarefa pastoral, além de "inculturar" a Mensagem revelada nas diversas culturas do Continente, também a de "ex-culturar"<sup>6</sup> o Evangelho e a Igreja da versão monocultural católico-romana de corte ibérico pré e pós-tridentino, historicamente desenvolvida, difundida e, em alguns casos, realmente imposta a povos de diferentes culturas. Em outras palavras, a pertinência e a relevância da inculturação hoje colocariam a questão, não propriamente se se deve ou não inculturar a fé, mas *como* inculturá-la. Entremos, então, no mérito desta hipótese.

*a) Uma questão tão velha quanto a Igreja*

O problema da relação Evangelho-Cultura apresentou-se ainda na Igreja Primitiva, precisamente na fase de criação das primeiras comunidades locais e, com diferentes matizes, virá à tona durante toda a história da Igreja. Aliás, já na Bíblia acontece a primeira e fundamental inculturação - a helenização do cristianismo<sup>7</sup>. O discurso de São Paulo no arcópagio de Atenas é um exemplo de relação entre Evangelho e cultura e de como pregar o Evangelho em outra cultura<sup>8</sup>.

Historicamente, a Igreja nasceu inculturada em Israel, tanto que, durante seus primeiros anos foi considerada como uma seita no interior do Povo de Deus, conformada por aqueles que afirmavam que Jesus era o Messias prometido e esperado por múltiplas gerações<sup>9</sup>. A denominação destes seguidores de "cristãos"<sup>10</sup> está associada a este fato histórico<sup>11</sup>. Mas também é verdade que desde o princípio, esse grupo de "cristãos" têm consciência de que sua "assembléia" local (*ekklesiá*) tem uma missão universal, concretamente aberta a todos os povos<sup>12</sup>.

Foi justamente este duplo caráter da Igreja - local e universal, inculturação em Israel e missão salvífica dirigida a todos os povos, que irá provocar o primeiro conflito no seio da Igreja nascente e que será resolvido no denominado "Concílio de Jerusalém"<sup>13</sup>. O problema da inculturação vem à tona com a questão da circuncisão. Para a comunidade de Jerusalém, fazendo uma interpretação judaizante da inculturação, o batismo só pode ser conferido aos circuncidados. Para outras comunidades, e será esta a decisão comum do "Concílio", a inculturação do Evangelho e a endoculturação da Igreja, depositária da Revelação de Deus em Jesus Cristo, não se polariza na cultura

de um povo. Ao contrário, está aberta a todas as culturas. Trata-se de uma decisão de transcendental importância, pois dissolve a imagem de uma Igreja universal uniformizada numa cultura, para dar lugar a uma multiplicidade de *Igrejas-em* (cf. Ap 2-3), cada uma inculturada nos povos que haviam aceitado a fé em Jesus Cristo, sem perder com isso a comunhão entre elas<sup>14</sup>.

A adoção consciente do princípio da "inculturação pluriforme" ou de uma Igreja pluricultural foi configurando, durante os primeiros séculos, as diversas Igrejas orientais e ocidentais, ainda que sempre existiu a tentação de confundir a ação missionária com a multiplicação da própria imagem de Igreja em outras culturas. É o que irá acontecer de maneira mais contundente a partir da era constantiniana até o final da Cristandade: a Igreja difundirá um modelo de cristianismo marcadamente monocultural.

*b) Uma questão que se tornou pertinente com o final da Cristandade*

Embora a inculturação seja uma velha questão no seio da Igreja, entretanto, sua pertinência eclesiológica<sup>15</sup> é recente. Prova disso é o aparecimento do termo. Ele só entrará no vocabulário corrente da teologia e da pastoral no final da década de 70, com a aplicação das orientações do Concílio a respeito.

*Da incorporação à Igreja...*

Durante o período de Cristandade, o cristianismo católico se manteve como uma experiência marcadamente monocultural, estruturado a partir da matriz católico-romana. Como religião de Estado, gerava católicos pouco cristãos e evangelizados, respaldado pelo imperativo político de que toda dissidência religiosa é também dissidência social. A incorporação à Igreja dá direito de cidadania. Cristão é sinônimo de cidadão. O fator decisivo de pertença à Instituição, não é a conversão e a adesão a Jesus Cristo, mas o fato de haver nascido sob a jurisdição do imperador católico. Educar na fé, tem uma forte conotação disciplinar e jurídica.

A medida em que os descobrimentos se sucedem, grosso modo, acompanham as missões, desconhecendo as diferenças culturais e confundindo evangelização com ocidentalização. A fé cristã, em lugar de ser semeada numa outra cultura, se apresenta e se dá inspirada numa cultura alheia<sup>16</sup>. Como aconteceu na América Latina e em outros continentes, os evangelizadores anunciam a Boa Nova e

---

*"Já na Bíblia  
acontece a  
primeira e  
fundamental  
inculturação - a  
helenização do  
cristianismo"*

---

um programa de salvação já inculturados, portadores de formas culturais que se consideravam paradigma e, ao mesmo tempo, critério para julgar as demais culturas. Evangelizar é pouco mais que adaptar, acomodar ou transplantar um cristianismo já inculturado a outras latitudes culturais.

Dentro deste contexto, a missão da Igreja é muito mais sacramentalizar do que evangelizar, implantar a Igreja, incorporar à Igreja, pois "fora dela não há salvação". Nasce Igrejas, reproduções da matriz romana, dado que a uniformidade dá maior unidade ao império. Viver a fé pode limitar-se à adesão a uma religião e à prática de ritos, ainda que esporadicamente, convivendo-se numa dicotomia entre fé e vida. Trata-se de um cristianismo social, que não penetra a cultura em sua profundidade, "na consciência das pessoas... não se projeta no 'ethos' de um povo, em suas atitudes vitais, em suas instituições e em todas as estruturas"<sup>17</sup>. Está presente mais como um verniz<sup>18</sup>. Educar na fé, basicamente, consiste em transmitir a positividade cristã e, educar-se na fé, quase que se reduz ao assentimento formal.

A falta de liberdade religiosa também contribuiu para a hegemonia de um cristianismo monocultural, com sua forma peculiar de educar na fé. Para a mentalidade de Crístandade, as demais religiões, incluídas as outras denominações cristãs, estão no erro e o erro não tem direito<sup>19</sup>. Vaticano II advogará pela liberdade religiosa, não baseando-se no direito ao erro, mas na liberdade de consciência, até então sem consistência diante da evidência do dogma. Na prática, será a reação das vítimas ao choque do catolicismo romano com as culturas e religiões radicalmente distintas que tornará inevitável a questão da inculturação e colocará as bases de um diálogo ecumênico e inter-religioso, baseado no respeito à religião do outro, como alma de sua cultura. É desta tomada de consciência e reivindicação da legitimidade das diferenças culturais e de um cristianismo pluricultural que brotará a elaboração de novas versões de cristianismo.

#### *... à encarnação da Igreja*

Com o final do eclesiocentrismo e o consequente respeito pelo direito à liberdade religiosa, rompendo a mentalidade etnocêntrica, Vaticano II inaugura um novo modelo de evangelização e de missão e, portanto, de educação da fé, e faz da inculturação uma questão eclesiológica pertinente<sup>20</sup>. A Igreja, como servidora do mundo, coloca-se, enfim, depois de cinco séculos de luta contra a modernidade, numa atitude de diálogo com as demais Igrejas e religiões. E, na medida em que a Igreja universal se realiza na Igreja Local, se coloca também em diálogo com as culturas, tomando a universalidade das particularidades como fundamento de um cristianismo pluricultu-

ral. Segundo o Concílio, as novas Igrejas têm a missão de encarnar o Evangelho nas culturas, de tal modo que a nova comunidade cristã que surge "tem o dever de conhecer esta cultura, restaurá-la e conservá-la, desenvolvê-la segundo as novas condições e, finalmente, aperfeiçoá-la em Cristo, para que a fé e a nova Igreja não sejam estranhas na sociedade em que se inserem, mas que comecem a penetrá-la e a transformá-la"<sup>21</sup>. Consequentemente, a evangelização visa, não que os povos se incorporem à Igreja, mas que esta se encarne nos povos, projetando-se a imagem de uma Igreja que, por ser católica, se configura pluriétnica e pluriculturalmente<sup>22</sup>.

Mas, a inculturação não tem a ver somente com as culturas. Tem muito que ver também com a religião do outro, alma de sua cultura. E inclusive com as religiões não-cristãs, que não podem ser ignoradas ou, o que é muito pior, "satanizadas", num processo de inculturação. Com relação a estas, *Lumen Gentium* e *Ad Gentes*, utilizando a expressão de Eusébio de Cesaréia, as vêem como uma "praeparatio evangelica". Diz o Concílio que "tudo o que de bom e verdadeiro se encontra entre os povos, a Igreja julga-o como uma preparação evangélica, dada por Aquele que ilumina todo homem, para que enfim tenham vida"<sup>23</sup>. Ou ainda, apoiando-se em Irineu e Clemente de Alexandria, advoga que "as iniciativas religiosas dos povos possam, alguma vez, ser consideradas pedagogia para o Deus verdadeiro ou preparação evangélica"<sup>24</sup>.

Esta nova perspectiva se constitui hoje, negavelmente, numa relevante mudança de paradigma para a educação da fé,

na medida em que a inculturação se afirma como um modelo de compreensão e interpretação, através do qual se aborda a globalidade da tarefa da evangelização. A inculturação traduz e expressa uma qualificação específica da evangelização e, portanto, um perfil novo de sua identidade<sup>25</sup>. Entre "incorporar" à Igreja e "encarnar" a Igreja nas culturas há uma diferença de paradigmas, com implicações concretas na educação da fé, como tal.

### **1.2. A relevância de uma educação inculturada da fé para a América Latina**

Ainda que se tenha afirmado que "a cultura latino-americana" seja o resultado de um "encontro" ou

---

*"Vaticano II inaugura um novo modelo de evangelização e de missão e, portanto, de educação da fé"*

---

"mestiçagem" entre a cultura ibérica e as culturas pré-colombianas e africanas e que, no século XVI, se "colocaram as bases da cultura latino-americana" com seu "substrato católico"<sup>26</sup>, na realidade, hoje, a compreensão da situação é outra. Também na América Latina, no momento estão em curso grandes transformações culturais, resposta ao impasse global da civilização moderna em sua crise holística, e que com o aparecimento de um cristianismo multifacético, estas mudanças põem em primeiro plano, tanto no campo eclesiológico como no âmbito da pastoral, a temática da inculturação<sup>27</sup>. Neste contexto, o novo paradigma de uma educação inculturada da fé nada mais é do que a explicitação do conflito imanente do cristianismo, em relação à sua identidade, historicidade e relevância histórica<sup>28</sup>.

*a) A educação da fé como ex-culturar o Evangelho e pluriculturalizar a Igreja*

Num Continente em que, durante suas duas fases de evangelização - a da colonização (séc. XVI-XIX) e da romanização (séc. XIX e parte do séc. XX), o cristianismo se implantou como uma experiência monocultural, *ex-culturar* o Evangelho da versão ibérica pré e pós-tridentina e *pluriculturalizar* a Igreja a partir das diferentes culturas em que ela está encarnada, é um dos desafios relevantes na educação da fé<sup>29</sup> para a América Latina hoje.

Evidente que, aqui, nem tudo foi cópia. Houve acomodações e adaptações, sincretismos e rasgos de inculturação em certas formas de catolicismo popular, mas estamos longe da criação de Igrejas "culturalmente novas", do que levaria a uma educação inculturada da fé. Apesar da gestação em curso no Continente de um novo "modelo" eclesial, através das Comunidades Eclesiais de Base e das múltiplas iniciativas pastorais em prol de uma Igreja encarnada nas situações particulares de cada povo, modelo este respaldado por uma teologia autóctone, esta é uma

tarefa em grande parte ainda a ser realizada. No processo de evangelização levado a cabo até o momento, salvo em casos quantitativamente pouco significativos, os "evangelizados" não puderam ainda exercer o papel de sujeitos de um processo de assimilação do cristianismo nas matrizes de sua própria cultura, ex-

---

*"De um lado, abrem-se cada vez mais as portas para a criação de Igrejas inculturadas, e, de outro lado, se defende na prática, a uniformização"*

---

culturando a versão recebida dos elementos culturais contraditórios ou problemáticos com os ideais do Reino e endoculturando a Igreja em seu próprio meio.

Entretanto, é preciso reconhecer que, no âmbito da Igreja universal, a partir de Vaticano II e, sobretudo depois de *Evangelii Nuntiandi* - e, na América Latina, com Medellín, Puebla e Santo Domingo - houve uma maior sensibilidade por esta tarefa pastoral, embora ainda não assumida com um projeto pastoral consequente. Neste particular, a denominada "nova evangelização" é bastante ambígua, pois constata-se uma dupla orientação no seio da Igreja. De um lado, abrem-se cada vez mais as portas para a criação de Igrejas inculturadas, de modo que a pluralidade e a convergência do ser católico sejam portadores de inculturações feitas pelas próprias Igrejas Locais e, de outro, se defende, na prática, a uniformização, postulando-se redimir a modernidade mediante a construção de uma "cultura cristã"<sup>30</sup>.

Ora, não se pode perder de vista que a diversificação da prática religiosa entre os católicos já é um fato, reflexo em parte da fragmentação generalizada, provocada pela pós-modernidade<sup>31</sup>. Grande é a vitalidade e a reprodução de instâncias semi-autônomas de movimentos apostólicos, de seitas, de catolicismo popular e de novos sincretismos, como no caso da *New Age*, que merecem uma atenção e um seguimento especial por parte da Igreja. Trata-se de inculturações feitas pelo próprio Povo de Deus que, de um lado, avançam no sentido de uma fé inculturada, mas que, de outro, correm o risco de perder certas conotações essenciais da fé num Deus revelado em Jesus Cristo.

Uma educação inculturada da fé não pode supor e, muito menos ignorar, esta realidade, sob pena de levar a cabo um processo de inculturação que confunde uma determinada versão de cristianismo com o próprio Evangelho.

*b) Uma educação da fé como educação contextualizada*

Como instituição situada no espaço e no tempo, a Igreja não foge às contingências de um impasse global na civilização moderna<sup>32</sup>, de uma crise holística, epocal, de uma crise de cultura, com sérias implicações para a reflexão teológica e para a tarefa pastoral da inculturação. Em grande parte, esta chamada "crise da modernidade" é fruto da exasperação dos valores da própria modernidade, tais como a absolutização da razão e de suas conquistas, especialmente no campo científico e tecnológico, e a crescente autonomia do homem frente à natureza, à história e a Deus, com graves consequências no campo eclesial. Neste âmbito, nos meios onde mais tem penetrado a cultura moderna, constata-se uma certa ruptura entre fé e cultura ou fé e vida, expressada na incoerência

entre valores inspirados em princípios cristãos e as estruturas sociais vigentes, que geram injustiças e violação dos direitos humanos, no triunfo do indivíduo e no relativismo ético, que reduz a moral à esfera do privado<sup>33</sup>.

Diante desta crise, já se apresentam características de uma "pós-modernidade"<sup>34</sup>, que não significa negação da modernidade, mas antes uma "sobremodernidade"<sup>35</sup>. Entre outros, constata-se a passagem de um antropocentrismo androcêntrico a um biocentrismo, em que se valorizam todas as formas de vida, desembocando-se numa nova concepção ecológica, não utilitarista; a passagem de um conceito de democracia representativa a uma democracia participativa e a busca de superação de toda forma de exclusão; a compreensão da pobreza como ausência de democracia social e econômica; o retorno da mística, de uma articulação entre a gratuidade da vida e suas exigências e a eficácia, com uma abertura ao diálogo inter-religioso e cultural; a valorização do tempo presente, de modo que as reivindicações beneficiem não só as gerações futuras, mas principalmente os próprios agentes sociais que as protagonizam etc<sup>36</sup>.

Ora, frente a este contexto tão desafiante, a Igreja não pode ficar indiferente, sobretudo em relação à tarefa da inculturação do Evangelho ou de uma educação inculturada da fé. Trata-se de fatores que condicionam em profundidade a forma de presença da Igreja no mundo, sua relação com as culturas e a maneira mesma de evangelizar ou de educar na fé, pois ainda que se dê por suposta a necessidade de a Igreja encarnar o Evangelho nas diferentes culturas, estes fatores desafiam as comunidades eclesiais a buscar novas formas de *como* levar a cabo esta tarefa. Não tomar em conta estes fatores na tarefa da inculturação do Evangelho e de endoculturação da Igreja nas culturas atuais significa, necessariamente, transplantar um evangelho já inculturado numa outra cultura e num outro contexto e época, o que leva, em consequência, à negação de seu potencial libertador e de sua característica de ser sempre Boa-Nova para todos, em todos os tempos. Uma educação inculturada da fé é sempre uma educação contextualizada.

#### *c) Educação da fé, ecumenismo e macro-ecumenismo*

Outro grande desafio que faz da inculturação uma tarefa pastoral relevante no Continente, é a crescente e irreversível pluriformidade religiosa, gerada sobretudo por setores marginais e pelas classes médias. Além de um Continente multi-étnico e pluricultural, a América Latina tende a ser cada vez mais um continente pluri-religioso, o que leva a repensar a sua catolicidade ou o seu denominado "substrato católico". Nas últimas décadas, multiplicaram-se as denominações religiosas cristãs e não-cristãs e intensifi-

cou-se a presença dinâmica de novos movimentos religiosos, particularmente das seitas de corte fundamentalista. A *New Age* vai se constituindo numa fascinante saída pseudo-religiosa para a pessoa urbana necessitada de transcendência. O satanismo também marca presença no Continente neste final de milênio.

Diante deste quadro, se a Igreja, por um lado, não pode mais olhar a realidade com uma postura monocultural, por outro, também já não pode guiar-se por uma conduta mono-religiosa. Não só o crescimento quantitativo de outras denominações religiosas e sua presença na educação, nos MCS e nos centros de poder, mas sobretudo o respeito pela obra de Deus fora da Igreja, deve levar o catolicismo a uma "inreligiosização" do cristianismo, no sentido de aceitar que a fé cristã é processada por um Deus e num Deus em contacto com todos os povos, e numa Igreja pluricultural<sup>37</sup>. Neste particular, numa tarefa consciente de um autêntico processo de inculturação, resta quase inteiro o desafio de aprofundar o diálogo com as religiões não-cristãs presentes no Continente, particularmente as indígenas e afro-americanas, em grande medida, outrora satanizadas e hoje ainda ignoradas ou marginalizadas. O catolicismo latino-americano, ademais de enriquecer-se

com a presença das demais religiões ou movimentos religiosos e pseudo-religiosos, parte constitutiva do quadro religioso atual, colocando-se numa atitude de discernimento e diálogo, precisa aprender a ver o cristianismo, menos como apropriação exclusiva da salvação e da revelação e mais como lugar da plena manifestação de Deus em Jesus Cristo, oferecida, desde sempre, a todos os povos. Ecumenismo e macro-ecumenismo, são realidades relevantes para a inculturação do Evangelho e da Igreja também na América Latina e, conseqüentemente, para a educação da fé.

### **1.3. A educação da fé como evangelização inculturada**

Levando em conta o que se viu anteriormente, para que a educação da fé se dê num encontro genuíno, de verdadeiro diálogo, implica que não se absolutize nenhuma expressão da fé cristã<sup>38</sup>.

---

*"Aceitar que a fé cristã é processada por um Deus e num Deus em contacto com todos os povos, e numa Igreja pluricultural"*

---

a) *Não existe cristianismo não inculturado*

Quanto à expressão da fé cristã, é preciso reconhecer que a Igreja, tanto em sua práxis como em seu anúncio, assim como toda expressão de cristianismo, está carregada de elementos culturais, inclusive o modelo normativo de Igreja das primeiras comunidades cristãs. Com o avanço recente da hermenêutica, sobretudo com P. Ricoeur e Gadamer<sup>39</sup>, se sabe que toda tradição e, no caso concreto da Igreja, justamente por ser viva, arrasta consigo os efeitos de sua história; e que toda identidade, por mais auto-identificada que seja, está sempre socialmente condicionada. Isso significa que os próprios símbolos da fé cristã refletem a cultura de um tempo e de um lugar determinados. Trata-se de uma contingência, entretanto, que não relativiza em nada a fé cristã. Ao contrário, a consciência de sua historicidade a preserva de converter-se numa ideologia.

b) *Toda a Revelação já está dada, seu sentido, porém, ainda não completamente explicitado*

Uma educação inculturada da fé leva, antes de tudo, a uma atualização e a uma melhor explicitação da Mensagem revelada num contexto determinado<sup>40</sup>. Ora, a vitalidade da Revelação não está na mera repetição ou aplicação direta de um texto, mas em sua inculturação em cada contexto cultural, levada a cabo pelas próprias comunidades eclesiais. É a tradição constante da comunidade de fé, ao lado da Escritura, que constituem a fonte da Revelação<sup>41</sup>. Em outras palavras, a Revelação está no livro da vida e no livro da Bíblia. O segundo livro foi escrito para ajudar a

---

*"Uma educação inculturada da fé está estreitamente ligada a uma tarefa hermenêutica"*

---

decifrar o primeiro. A vida é onde Deus se revelou primeiro. Para o Concílio, a tradição constante da comunidade de fé deve estar ao lado da Escritura como fonte da divina

revelação, pois "a sagrada tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da Palavra de Deus"<sup>42</sup>. E continua: "a sagrada tradição e a Sagrada Escritura devem ser acolhidas e veneradas" porque "não é somente a Escritura" a fonte da qual a Igreja recebe "o que foi revelado"<sup>43</sup>.

Do lado do texto, uma educação inculturada da fé implica a convicção de que a "narrativa" da fé

cristã, que compreende o conjunto total dos símbolos que expressam e canalizam a mensagem evangélica através dos tempos, continua desenvolvendo-se, que seu sentido todavia não foi completamente explicitado, pois possui uma "sobre-abundância de sentido"<sup>44</sup> que nunca se esgotará<sup>45</sup>. Do lado da tradição, como afirma *Dei Verbum*, ela procede dos apóstolos e progride na Igreja com a ajuda do Espírito Santo, levando a um desenvolvimento do conhecimento das realidades e das palavras que nos foram transmitidas. Progressão esta, que faz a Igreja avançar constantemente "para a plenitude da verdade divina até que as palavras de Deus alcancem nela sua plenitude completa"<sup>46</sup>.

Em última análise, uma educação inculturada da fé está estreitamente ligada a uma tarefa hermenêutica<sup>47</sup>, na medida em que a assimilação da Mensagem revelada diz respeito à tensão entre "texto e presente" ou "texto e intérprete"; em que entender é sempre aplicar, resultado de uma "fusão de horizontes", que por sua vez se constitui num horizonte novo e mais amplo, tanto para o "texto" quanto para seu intérprete neste momento. E, dado que texto e intérprete se ajudam mutuamente para alcançar o horizonte de sentido que têm "frente a" si, o encontro dialógico entre Evangelho e cultura significa a abertura de novas possibilidades para os dois<sup>48</sup>.

c) *Os sujeitos da educação inculturada da fé como os sujeitos da própria cultura*

Dado que o livro da Bíblia foi escrito para decifrar o livro da vida, são os membros de uma comunidade eclesial os intérpretes da mensagem revelada, o que significa que, numa educação inculturada da fé, os sujeitos da cultura que a recebe são os sujeitos da inculturação<sup>49</sup>. São eles mesmos, com sua cultura e tradição, que têm a missão de apropriar-se da mensagem evangélica e de sua interpretação. A cultura dos evangelizadores não é normativa, nem ponto de partida<sup>50</sup>. Não haveria autêntica inculturação e nem Igrejas culturalmente novas se se impusesse uma determinada interpretação da Revelação ou uma versão de cristianismo<sup>51</sup>. Neste processo, na relação Evangelho-Cultura, entre agentes de pastoral e membros da cultura, o papel dos agentes é o de mediadores. Sua tarefa é facilitar o texto revelado, sua história, a tradição de sua interpretação e criar o contexto eclesial comunitário de fé, necessário para que eles mesmos leiam e interpretem a Mensagem. Na verdade, desde a cultura de quem recebe a Mensagem se entende melhor a Bíblia do que desde a cultura de quem a anuncia e, desde a Bíblia, lida pelos sujeitos da cultura a ser evangelizada também se entende melhor sua tradição. E dado que a Mensagem sempre é lida no contexto cultural do leitor, um autêntico processo de inculturação leva, por um lado, a uma evan-

gelização libertadora da cultura e da tradição e, por outro, a uma evangelização libertadora do próprio cristianismo e da interpretação, possivelmente carregada de elementos culturais, que se tem da Revelação<sup>52</sup>.

## 2. DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCULTURADA DA FÉ NA AMÉRICA LATINA

Tendo presente como pano de fundo o que acaba de ser explicitado, tratemos agora de tirar daí alguns desafios para uma educação inculturada da fé na América Latina hoje. Como já fizemos menção na introdução deste estudo, uma educação inculturada da fé implica, sobretudo no momento histórico em que vivemos em, pelo menos, três grandes desafios: aprender a saber inovar, a saber desconstruir e a saber reconstruir<sup>53</sup>.

O saber inovar diz respeito, a partir de um cristianismo multicultural e diante de um contexto pluricultural, a elaborar uma versão da positividade cristã ou do cristianismo, desde as matrizes da cultura das próprias comunidades eclesiais locais. O saber desconstruir se relaciona, seja com a necessidade de ex-culturar o Evangelho da versão de cristianismo que nos foi transmitida a partir de uma cultura que não é a própria, seja com o imperativo de pluriculturalizar a Igreja para que, assim, se converta na expressão da multiplicidade de rostos de seus membros. Enfim, o saber reconstruir, é o desafio de permanentemente reelaborar a própria versão de cristianismo, de acordo com a evolução das culturas, para que a Igreja seja sempre a mesma e, para isso, culturalmente nova.

### 2.1. O educar(se) na fé como aprender a saber inovar

Na América Latina, são conhecidos os caminhos inovadores da Igreja, fruto de uma recepção criativa do Concílio Vaticano II, que com as últimas grandes transformações, sobretudo as relacionadas com a crise da modernidade, cada dia vão se tomando menos aptas para responder aos novos desafios. Daí a urgência, numa educação da fé a partir deste contexto, em aprender a saber inovar. Isto, porém, no sentido evangélico, ou seja, aprendendo a tirar o novo do velho.

#### *a) O desafio de inovar o que já foi inovação*

A Igreja na América Latina hoje é uma mescla de contrastes, que se debate entre o insofocável deserto da libertação e as cebolas da escravidão. É uma Igreja que ainda busca sua autocompensão entre mito, equívoco e utopia. Num continente em que coabitam o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno,

se acotovelam experiências de Igreja que vão deste o tridentino, o conciliar e o "modelo latino-americano" em torno a Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com exceção do Brasil, onde a Igreja teve nas últimas décadas uma caminhada mais homogênea, tanto aqui como fora, o velho, ainda majoritário, convive com o novo, por ora dando mostras de cansaço e falta de criatividade. Em muitos lugares, entretanto, a presença do novo, ainda que quantitativamente menor, conseguiu exercer uma força simbólica, altamente questionadora do velho e ali, ainda que enfrentando oposições e obstáculos, conseguiu gestar uma Igreja com rosto próprio.

Não se pode negar, que as quatro Conferências do Episcopado Latino-americano (Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo) geraram um fato novo no continente, sobretudo a partir de Medellín. Com Medellín, no ano que vem a 30 anos de sua realização, América Latina fez uma "recepção criativa" do Concílio Vaticano II, não só definindo caminhos para levar à prática suas diretrizes, como ampliando certos temas que haviam ficado a meio caminho na aula conciliar. Questões como "uma Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos", levantada por João XXIII, as formas de relação e de serviço da Igreja no mundo, a relação da teologia com as "ciências do homem", a efetivação de uma eclesiologia de comunhão etc., tiveram na América Latina um desenvolvimento tal, que resultou numa grande contribuição à Igreja universal. Diversos são os documentos do magistério pontifício que, mais do que pontualizar resultados de certas buscas, acusam a recepção, no interior da Tradição, de aspectos da revelação postos em evidência pela experiência de fé de nossos povos.

Aqui, como atesta o magistério latino-americano, o Concílio enveredou pela via profética e libertadora, como forma de serviço da Igreja ao mundo ou pela renovação do "apostolado" e das estruturas da Igreja, através da criação de pequenas comunidades eclesiais e da gestão participativa e orgânica da pastoral, com resultados palpáveis em muitas partes. Essas práticas, ainda que "abraâmicas", deram origem à teologia da libertação, pela primeira vez na história da Igreja no continente a elaboração de um discurso próprio da fé, pontualizado em Puebla e pelas duas instruções da Santa Sé, mas que deu uma contribuição irreversível à tradição teológica da Igreja universal.

Questões tais como a normatividade evangélica da opção

---

*"Aqui o Concílio enveredou pela via profética e libertadora, como forma de serviço da Igreja ao mundo"*

---

preferencial pelos pobres, pecado social ou estrutural, a dimensão libertadora da fé, a fé em Jesus Cristo como adesão ao sacramento das pequenas comunidades, a necessidade e possibilidade de relação entre opção evangélica e mediação ideológica etc., não são exclusivas da América Latina. De agora em diante, toda e qualquer teologia deverá confrontar fé e história, libertação integral e libertação histórica, salvação e promoção humana desde os mais pobres. Nisto, apesar das diferenças e particularidades de cada lugar, é inegável que práticas de certos setores da Igreja na América Latina, impulsionadas, pontualizadas ou recebidas pelo magistério latino-americano e pontifício, conseguiram marcar um rumo comum, que perfilaram uma identidade muito própria da Igreja no continente.

Mas, é preciso admitir que fazem parte da Igreja na América Latina, na atualidade, os reflexos de uma crise generalizada, que é também uma crise de sociedade ou de civilização, que afetam igualmente as práticas eclesiais, em especial aquelas portadoras de uma certa utopia ou voltadas para o futuro. A crise diz respeito, não propriamente a uma adesão a certas causas ou formas de Igreja em termos quantitativos. A faixa de participação efetiva, semanal, seja na liturgia, seja em serviços pastorais concretos, dificilmente passou dos 20%, em toda a história da Igreja, com exceção do mundo rural, sempre mais assíduo. A crise diz muito mais da qualidade da participação. Por exemplo, a sede de espiritualidade que caracteriza o ser humano deste final de milênio, afetado pela crise da razão tecno-instrumental, coloca em relevo formas religiosas espiritualistas, inclusive no seio da Igreja Católica. Vem ao seu encontro o ambiente conjuntural de triunfo do indivíduo; de supervalorização da subjetividade, em contraste com o racionalismo científico moderno; a crise dos paradigmas das ciências, que põe em crise todos os metarrelatos, o religioso por excelência, e em relevo a razão débil, ou seja a experiência no espaço comunicacional dos indivíduos; a crise dos modelos alternativos de sociedade em relação ao liberalismo-capitalista, que decretou o final da história e das utopias, substituídas pelo pragmatismo do mercado total; a fragmentação, fruto da crise da ética pública e mundial etc.

Inevitavelmente, tudo isso tem seus reflexos sobre a vida da Igreja, inserida no seio da sociedade e, de modo especial, sobre aquele modelo de Igreja e aqueles tipos de serviços de pastoral que tentavam conjugar o individual com o comunitário, realidade presente e perspectiva futura, fé e vida, salvação e história, Igreja e sociedade, Reino de Deus e nova sociedade etc. Com a crise de nosso modelo de civilização, tudo isso ficou terreno escorregadio, campo de novas sínteses, espaço para criatividade e para o risco, habitado por um sentimento de orfandade e de

insegurança. Daí, para grande contingente da sociedade, a urgência por buscar segurança a qualquer preço, descobrindo que a religião dá segurança e, sobretudo, certas formas de religiosidade, como aquelas apoiadas no fundamentalismo, no sectarismo, no sentimentalismo intimista etc. Trata-se de uma falsa segurança, sem dúvida, mas pára-raio ou refúgio momentaneamente seguro para aqueles que não querem ou não têm a capacidade de dar respostas novas aos novos desafios ou simplesmente de correr riscos, o que é próprio da autêntica fé cristã. E ao buscar segurança, evidente que o passado é sempre mais seguro do que o amanhã, que ainda não existe. O fato é que, se a vanguarda está cansada e sem perspectiva, a retaguarda é retrógrada e sem imaginação. Consequentemente, para que planejamento, se planejar é projetar o futuro, e a tarefa é repetir o passado? Para que pastoral social, se não se sabe com que objetivo ou para onde canalizar os esforços, se é o espiritualismo sentimental que dá segurança e abrigo? Para que tanta reunião, atividades comunitárias, conselhos, assembléias, se é o indivíduo em sua afetividade que precisa ser atingido? Para que tanta preocupação com uma mensagem que desemboque na vida e com uma teologia que dê conta das questões postas pela prática dos cristãos, se o que importa, em última análise, é o anúncio do querigma?

A Igreja na América Latina na atualidade se debate entre a tentação da segurança do passado e o risco de um futuro a ser criado. Tudo vai depender da fidelidade e do discernimento dos "novos sinais dos tempos" que se apresentam, como sempre, na ambiguidade, e nos interpelam. A Igreja lutou cinco séculos contra a modernidade para, finalmente, com o Concílio Vaticano II, colocar-se numa atitude de escuta e discernimento da revelação também na história. Estamos em plena efervescência de uma nova era, de uma nova civilização, mergulhados num mundo em vertiginosa transformação. Sabemos nós cristãos sintonizar-nos com o Deus vivo da história e criar os laços que religam todo o circundante com os mistérios de Deus? Terá a Igreja a capacidade de dar sentido ao que por ora parece sem sentido?

---

*"Ao buscar  
segurança,  
evidente que o  
passado é sempre  
mais seguro do que  
o amanhã, que  
ainda não existe"*

---

b) *O inovar como aprender a tirar  
o "novo do velho"*

Para inovar, o melhor ponto de partida é onde a gente está. Partir da realidade é partir de onde se está.

É impossível criar do nada, também em pastoral. Inovar no campo da evangelização será sempre tirar o novo do velho. O velho é o novo que foi gestado e que, agora, com as mudanças atuais, precisa ser recriado.

Esta atitude não é meramente contingência histórica ou imperativo cultural. Ela faz parte da fé cristã e, portanto, do ser e do agir da Igreja. A fé cristã implica colocar-se permanentemente numa atitude de êxodo.

Assim, educar na fé, não é simplesmente educar para uma mudança de mentalidade, que leve a captar as novas perguntas do hoje, mas para uma *mentalidade de mudança*, que permita captar os novos sinais dos tempos de hoje, mas sobretudo do amanhã. Isso só é possível quando o inovar implique num renovar-se constantemente. Renovar, não só a instituição como tal, mas principalmente as pessoas que a compõem, pois inovar é inovar-se. Só se aprende com aquele que aprende, só evangeliza aquele que se deixa evangelizar.

Então, na educação da fé, mais importante do que repassar o "depósito da fé", é aprender a deixar-se instruir pelo próprio Deus, o Deus da história, do êxodo, que convida a sair da própria terra, que pede para sacrificar seguranças e ídolos. Educar-se na fé, é colocar-se sob o dinamismo de um Deus que se revelou na história e que hoje quer continuar fazendo história de salvação em nossa história.

O Deus da história é um Deus que se revela continuamente e que, portanto, nos leva a ver as nossas conquistas como provisórias. Provisoriedade também na inteligência da fé. A teologia é um discurso sobre o Absoluto, mas não é um discurso absoluto. A Igreja, ainda que depositária de toda a Revelação, não sabe tudo, ou ainda não conseguiu e nunca conseguirá entender tudo, nem de Deus e nem do mundo. Se ela quiser olhar mais longe, precisa da humildade científica, trazer novos olhares, seja colocando-se em diálogo com outras ciências, seja recorrendo a olhares fora das ciências, como ao conhecimento popular, portador também de um *logos* crítico, à sabedoria de vida ou à razão experiencial, base originária de toda ciência. Para melhor perscrutar a revelação e os mistérios de Deus, a Igreja precisa saber conjugar saberes.

Em resumo, tal como na vida, também nas ciências, incluindo a teologia, nunca temos resultados definitivos, a menos que o saber se faça poder. E também a teologia, a Igreja, correm o risco de estarem mais próximas do poder do que da verdade. Mas quando o saber se faz poder, dificilmente ele pode inovar. Na medida em que a educação da fé se coloca

numa atitude de busca constante da verdade, é que ela pode continuar a ser salvadora para o ser humano de hoje, em sua situação concreta.

## 2.2. O educar(se) na fé como aprender a saber desconstruir

Para uma educação da fé contextualizada, que leve permanentemente a inovar, é preciso também aprender a saber desconstruir. A desconstruir certas respostas mitificadas e, por isso, irrealis e a-históricas. Ou, então, certas visões equívocas e que, distorcendo o real, impedem o aparecimento do novo enquanto resposta a desafios concretos. A fé só é passível de autêntica inculturação, quando posta em diálogo com a realidade tal como ela é. Versões teóricas de cristianismo, desenfocadas da realidade, não servem de base para uma educação inculturada da fé.

### a) *A educação da fé como desconstrução de certas visões de Igreja*

#### *A Igreja na América Latina enquanto mito*

Uma educação inculturada da fé, implica a desconstrução de uma visão mítica da Igreja na América Latina. É a Igreja vista de fora, caracterizada pela visão idealista, tanto de europeus como de brasileiros sobre as comunidades eclesiais nos demais países do continente ou de hispano-americanos frente à Igreja no Brasil. É uma Igreja irreal, construída a partir de certos estereótipos, presente no imaginário, sobretudo daqueles que buscam um referencial mobilizador, capaz de fazer a passagem de uma Igreja pré-conciliar, defasada na história, para a "Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos", na linha de João XXIII. A Igreja na América Latina enquanto mito é a originalidade generalizada e destituída de sua ambiguidade e contradições. Sobre esta visão é impossível uma educação da fé que desemboque numa Igreja culturalmente nova.

*A mitificação a partir da Europa.* É a visão de cristãos, ligados a comunidades eclesiais de base (lá sim, em muitos lugares, uma espécie de "igreja popular") ou a entidades de apoio ao Terceiro Mundo, sobre a Igreja na América Latina, especialmente a Igreja no Brasil. Ela se baseia em determinada literatura parcializada e em contatos pessoais esporádicos, fruto de viagens, muitas delas de turismo.

Para estes setores, a Igreja na América Latina é a Igreja de At 2,42-47, feita toda ela de pequenas comunidades, onde fé e vida se mesclam em gestos de partilha e de reivindicação de vida mais digna. Aqui, a maioria dos cristãos seria composta de católicos

---

*"A Teologia é um discurso sobre o Absoluto, mas não é um discurso absoluto"*

---

*"Os movimentos  
apostólicos e  
associações  
tradicionais foram  
substituídos pela  
multiplicidade das  
'pastorais' "*

praticantes. Até pela carência de ministros ordenados, abundariam os ministérios leigos, conformando uma Igreja desclericalizada. As liturgias duram horas, e são plenas de símbolos, danças e cantos de letra forte. Padres são mártires das causas sociais e

bispos são profetas como Monsenhor Romero, Dom Hélder, Casaldáliga, Mendes Arceo ou Samuel Ruíz. A Bíblia está nas mãos do povo em geral, que a lê segundo a hermenêutica de Carlos Mesters, uma "leitura popular", que enriqueceu a exegese tradicional. Os agentes de pastoral são qualificados através de cursos teológico-pastorais de férias como o de Lima (Gutiérrez) e de São Paulo (Cesep) ou de escolas diocesanas de teologia para leigos. Nos seminários, nas homilias, nos cursos em geral, se respira a Teologia da Libertação, que se alicerça em Medellín, com destaque para a opção pelos pobres e a militância social. É uma Igreja articulada com os movimentos populares, presente na vida política, ecumênica e macro-ecumênica. Os movimentos apostólicos e associações tradicionais foram substituídos pela multiplicidade das "pastorais", espaço para a participação ministerial da comunidade como um todo. São Igrejas presentes num mundo pobre, caracterizadas pelo desemprego, os salários ínfimos, o analfabetismo, as epidemias, a falta de moradia, escolas, luz elétrica... e, por isso, a Igreja se ocupa com o social.

É desta Igreja, dizem, que depende o futuro da Igreja universal, tanto que a maioria dos católicos, em breve, estará na América Latina. É lá que a Igreja se mostra vigorosa, criativa, projetada para o futuro, ao contrário daqui, que estamos num catolicismo de conservação. É verdade, porém, como já se viu em Santo Domingo, constatam, que, nos últimos anos, se impõe uma outra linha de Igreja, em que movimentos como Opus Dei, Comunhão e Libertação, Legionários, Catecúmenos e Carismáticos ganham terreno.

*A mitificação a partir da América Latina.*

É a visão projetada no imaginário de brasileiros, de vanguarda, em relação à Igreja de outros países da América Latina e de latino-americanos, igualmente progressistas, em relação à Igreja no Brasil.

Trata-se da Igreja renovada *ad intra*, em vista de uma atuação eficaz *ad extra*. É a Igreja de determinada leitura de Medellín, Puebla e Santo Domingo, e na perspectiva de certa Teologia da Libertação.

Referenciais como os compromissos com a revolução sandinista ou a guerrilha salvadorenha, a luta contra a ditadura de Augusto Pinochet, dão a tônica de uma ação pastoral que deve buscar um projeto de sociedade alternativo, capaz de restituir a dignidade roubada da maioria da população. É a Igreja sintonizada com o grito ético proferido nas canções dos anos 60-70 de Mercedes Soza, Violeta Parra, Victor Jara, Geraldo Vandré, Chico Buarque etc., com as causas de intelectuais como Gabriel Garcia Marques, da teoria da dependência, do movimento sindical autônomo, de partidos políticos alternativos, de certos movimentos guerrilheiros. É a Igreja liberta do poder estabelecido e comprometida com os pobres, que só terão esperança num mundo melhor quando eles mesmos forem os gestores de um verdadeiro poder-serviço, em prol de uma sociedade baseada na justiça e na igualdade. Para isso, se for preciso, a Igreja pode comprometer-se com um determinado partido político, não só indicando candidatos de seus quadros, como empenhando-se publicamente pela eleição dos mesmos. Neste tipo de Igreja, sentem-se bem os indígenas, os negros, os lascados e excluídos, e os padres comprometidos com a construção de uma nova sociedade.

Na esfera interna, é a Igreja que toma suas decisões através de assembléias e conselhos, nos quais a leigo tem voz e vez. As liturgias são vivas e dinâmicas, rompendo com o ritualismo, e a assembléia participa até da oração eucarística. Nas periferias e no campo, estão as CEBs, o novo modo de ser Igreja, capaz de responder às necessidades daqueles que acorrem às seitas. É a Igreja das "pastorais", com serviços organizados segundo as necessidades da comunidade. Os religiosos, em sua grande maioria, deixaram as grandes obras e estão inseridos em meios populares. O dinheiro, administrado por comissões de leigos, é prioritariamente aplicado no pastoral, não mais no administrativo. Já se superou a pastoral de sacramentalização e, até seria preciso um outro concílio, para dar um passo adiante em questões institucionais e relativas à missão evangelizadora da Igreja.

*A Igreja na América Latina enquanto  
visão equívoca*

Também esta é uma visão inapta para uma educação contextualizada da fé, pois é uma visão irreal, majoritariamente vinda de fora, mas também muito cara a certos segmentos do continente. Não deixa de ser uma visão catastrófica, na medida em que se pensa que, por onde se está trilhando, se vai dar ou já se deu num beco sem saída. A solução é tomar outro caminho, de preferência aqueles que já foram testados e deram certo no passado.

A Igreja na América Latina, enquanto visão equívoca, é uma Igreja que é vista tão voltada para a esfera *ad extra*, em estreita ação ecumênica, macro-

ecumênica e com os movimentos populares que, se não perdeu, no mínimo está debilitada em sua identidade. É uma Igreja que perdeu seu poder, na medida em que foi utilizada ou deixou-se utilizar por outros interesses, sobretudo pelo marxismo, responsável por uma politização da fé que esvaziou a escatologia de sua dimensão transcendente. Na América Latina, na perspectiva da teologia da libertação, a salvação foi reduzida à libertação das contingências temporais. A pastoral é basicamente luta e, portanto, em última instância, o que conta é a pastoral social. A reflexão da fé, em seu discurso normatizado que é a teologia, em sua forma de teologia da libertação, representa a ingerência indevida de outras ciências na teologia, especialmente da sociologia. As CEBs se prestam a ser o prolongamento de partidos políticos de esquerda. A formação nos seminários, gera um tipo de padre crítico em relação à instituição eclesial, sem amor à Igreja, incapazes de veicularem uma identidade forte da mesma diante das vicissitudes da sociedade e das seitas. Não sabem marcar a diferença entre clero e leigos, dando margem a uma "igreja popular", que nega a legítima tradição da Igreja. Em resumo, a Igreja na América Latina, é uma igreja militantista, zelosa, sem espiritualidade.

O novo rumo, pensam estes, só será possível através da formação de um novo tipo de padre, da nomeação de um outro tipo de bispo, da fomentação de movimentos eclesiais de espiritualidade, sobretudo da classe média esquecida, de uma evangelização baseada na proclamação do kerygma evangélico. Basta de tantas "pastorais", de tanta estrutura, de tanta reunião, de tanta preocupação pelo social, às custas do desleixo do espiritual, da "evangelização". É por isso que as seitas ganham terreno. Prova da falência deste "modelo de Igreja" é o desencanto e o cansaço que se apoderou de seus próprios protagonistas. Também, para quê dar tanta importância a Regionais e Conferências Nacionais de Bispos, se já temos o Santo Padre que nos dá o caminho a seguir. Que cada bispo veja o que é melhor para a sua diocese, em sintonia com o papa, e basta. Na Diocese, que o trabalho se concentre no nível paroquial, o nível eclesial onde a Igreja realmente acontece, desde a Idade Média. E, sem muita estrutura. Ali está o padre, com formação sólida, para comandar o rebanho. Ele pode cercar-se de um grupo seletivo de colaboradores, e basta. Para quê conselhos, assembleias, planos, se tudo isso só cansa e desmobiliza. Afinal, a Igreja não é uma democracia e nem um clube de serviço.

#### *b) O novo como desconstrução do velho*

Para inovar, para poder colocar outra coisa no lugar, porque assim a realidade o exige, é preciso saber desconstruir. A começar pelas visões mitificadas ou equívocas como as apresentadas. Por serem

irreais, são inaptas a uma educação da fé que leve a uma encarnação da Boa Nova no contexto em que se vive. Mas, também, é preciso aprender a desmontar o inadequado do real para o contexto atual. Sem desmontar o obsoleto, tornado a-histórico pelo tempo, as estruturas defasadas pela história, é impossível dar cabida ao novo ou a uma fé inculturada na diversidade das culturas.

Para desconstruir e gerar o novo, primeiro é preciso questionar o próprio *conhecimento*, as próprias conquistas e respostas, as visões ou cosmovisões, conformadas às vezes a partir de certos estereótipos. Sem questionar-se ou deixar-se questionar, não é possível qualquer tipo de mudança. A auto-suficiência inviabiliza toda tentativa de transformação. Sobretudo no âmbito da fé, não nos situamos no mundo das evidências. Para a formulação da verdade, não basta a lógica, é preciso a verificação histórica, numa história que caminha. Uma resposta pastoral, para ser serviço, precisa responder a uma pergunta real. Pergunta que comporta diversas respostas. Nenhuma resposta em pastoral é absoluta. Ela sempre será relativa ao seu contexto de tempo e espaço.

Para saber desconstruir, é preciso também questionar o próprio *questionamento*, a própria busca, pois quem faz um questionamento tem o dever moral de abrir-se ao questionamento. Que questionamento é este que é inquestionável, se a objetividade da verdade inevitavelmente é apreendida sempre por uma subjetividade? A ciência, incluída a teologia, não passa de um tratamento preciso de uma realidade imprecisa. A pastoral é o esforço de contribuição de uma fé que busca ser eficaz. A realidade sempre será complexa. Ela nos supera, interpela, questiona, precisamente por ser lugar também de presença e revelação de Deus. Em ciência, e muito mais no âmbito da fé, não vamos de complexidade em simplicidade, mas de complexidade em

---

*"A pastoral é o esforço de contribuição de uma fé que busca ser eficaz"*

---

busca de uma realidade melhor, certamente escondendo o dinamismo do Espírito. Espírito que precisa ser escutado e perscrutado no questionamento de meu próprio questionamento. Sem esta abertura, a fé não só será transmitida através de uma determinada versão de cristianismo, o que é inevitável, como a cultura do evangelizador corre o risco de ser colocada no mesmo patamar da mensagem revelada que ela veicula.

### 2.3. O educar(se) na fé como aprender a saber reconstruir

Já vimos que a educação da fé implica em aprender a saber inovar; que inovar só é possível se admitimos desconstruir; que se trata de desconstruir, e não de destruir, porque se desconstrói em vista de um reconstruir. Uma educação inculturada da fé leva, necessariamente, a uma Igreja culturalmente nova e, portanto, a criar o novo. Ora, isso só é possível na medida em que se persegue uma utopia, e em que se sente desafiado por ela. Mas é impossível ter utopia no mundo de hoje, quando parece não haver mais lugar para ela? Qual é a utopia daqueles cristãos empenhados hoje em reconstruir?

#### a) A Igreja na América Latina enquanto utopia<sup>54</sup>

É a visão daqueles cristãos que teimam em acreditar que a fé "é a realização daquilo que se espera" (cf Hb 11,1) e, de cabeça erguida, num mundo em que uma certa concepção de pós-modernidade quer ser a destruição de todos os mitos, se propõem a ser o último reduto da utopia. Precisamente porque crêem no Reino, que tem uma dimensão transcendente e outra imanente, na salvação que se dá no Senhor da história, no Espírito que guia a Igreja, se lançam em criar o novo, na certeza de que a fé cristã pode religar o ser humano atual e o Absoluto, e dar sentido aos novos tempos. A Igreja na América Latina enquanto utopia, é a Igreja daqueles que não crêem no final da história e, por isso, se propõem a ser sujeitos dela, a interferir no rumo dado pelo pragmatismo neoliberal do presente, pela ditadura de um mercado sem ética, pela globalização que passa unicamente pela via competitiva. É a visão daqueles que constatarem em sua experiência de fé, que a espiritualidade cristã não é alienante, e nem nos desresponsabiliza de nossas tarefas históricas. Sabem que, em diálogo e respeito pela obra de Deus na Criação, devem ser fator de comunhão em meio à crescente fragmentação, anunciadores de Jesus e seu Reino, Boa-Notícia para toda a humanidade, de todos os tempos, raças, religiões e culturas.

#### *Desafios desde a utopia do Reino*

*Uma Igreja comunidade de comunidades.* Conscientes da solidão do indivíduo triunfante, a Igreja na América Latina enquanto utopia, se propõe a ajudar a refazer o tecido social e, assim, colocar as bases para uma experiência de Igreja que implica a pertença, a participação e o compromisso comunitário, sem o qual não há autêntica fé cristã, dado que nosso Deus é comunidade e não solidão. A melhor

comunidade é a Trindade, em cujo modelo deve espelhar-se a experiência de fé como Igreja. Tem-se consciência de que a Igreja não pode colocar-se à margem da nova consciência que se está gestando, a consciência planetária, a noosfera. Para isso, precisa também ela ser fator de globalização, pela via cooperativa e não competitiva, é claro.

É também desde a Igreja, segundo estes, que, no compromisso com a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, deve-se colocar em cheque o falso triunfo do indivíduo, os etnocentrismos, os regionalismos, os sectarismos e os fundamentalismos. A nível eclesial, todo isolacionismo, seja ele paroquial ou diocesano, de um serviço de pastoral ou de um movimento. Mais do que nunca, os novos sinais dos tempos apontam para a urgência de uma reestruturação da paróquia, em que poderíamos aprender muito até de igrejas de irmãos separados. Fiel à utopia do Reino, a Igreja tem o dever de repensar e reimpulsar o coletivo, de re-situar a utopia evangélica na era planetária. Esta consciência coletiva, fundamentada no Evangelho, pode ajudar a sociedade a situar seu modelo de civilização frente à ética da alteridade, seja da alteridade negada, como também do outro enquanto gratuidade, dimensão lúdica ou sabática da existência.

*O desafio da alteridade negada.* Um modelo saudável de sociedade e, muito menos a Igreja, não pode ficar indiferente frente aos dois terços da humanidade, filhos órfãos da globalização competitiva. A Igreja na América Latina, já não pode pensar só no terceiro-mundo, mas desafia a todos os cristãos, o mundo dos dois terços de sobrantes, excluídos desta dinâmica, tanto no terceiro-mundo quanto no primeiro. Está em jogo a dignidade da pessoa humana, em tantos rostos desfigurados do próprio Cristo, as bases da fé num Pai comum que nos fez todos filhos e irmãos, a utopia da fraternidade universal, que questiona a legitimidade da lógica da exclusão. Negar o outro é negar o grande Outro; não deixa de ser uma forma de ateísmo, na medida em que, em nome do "deus" lucro, se absolutiza o relativo.

Do Evangelho, ademais, decorrem princípios de organização da vida social, como o que diz que o desenvolvimento tem que ser social e que o ser humano tem a centralidade do mesmo, sem descuidar de outras formas de vida. É o tipo de catolicidade que abre o ser humano para o humano, que leva à consciência de que nossa casa comum e a nossa família, não é a minha classe so-

---

*"Sem espiritualidade, não se perde só a força e a alma da ação, mas a própria especificidade da pastoral"*

---

cial, o meu país, a minha cultura, mas o planeta terra e toda a humanidade. É a catolicidade que nos torna sensíveis à família humana e nos faz sentir irmãos de todos.

*Conjugar ação com contemplação.* Não há dúvidas de que o espiritualismo intimista e desencarnado de hoje é uma reação a um militandismo sem mística e a uma politização da fé. Sem espiritualidade, não se perde só a força e a alma da ação, mas a própria especificidade da pastoral. Não existe pastoral sem Espírito Santo, nos recordava *Evangelii Nuntiandi*, sem contemplação, sem deixar-se guiar, podar, corrigir, sem aprendizagem. Sem espiritualidade, perdemos a sensibilidade. Betinho dizia que o problema central/axial de nosso país, não é a corrupção, a má administração, a falta de recursos, mas a *falta de sensibilidade*. Vemos todos os dias a multidão dos famintos, dos sem-terra, sem-casa, sem-escola, e já não distinguimos o limite entre a ficção e a realidade. Ora, é a espiritualidade que nos dá sensibilidade. Gorbachev, em seu livro *Perestroika*, já dizia que o desenvolvimento, para estar em função da pessoa humana, precisa integrar a espiritualidade. A espiritualidade limita o nosso poder, nos desperta a compaixão pelo que sofre, faz o nosso coração sentir outro coração.

A pastoral precisa integrar a sensibilidade, a espiritualidade. Para isso, entre outros, é importante recuperar a dimensão do feminino. O saber moderno caracteriza-se pela ausência do feminino. O masculino é racional, calculista; o feminino é sensibilidade, razão do coração. É preciso que também a Igreja ajude a equilibrar o masculino e o feminino dentro de cada um, independente de ser homem ou mulher, dentro das instituições. Como teriam o mundo e a

Igreja sido diferentes - menos frios, calculistas, racionalistas, se o feminino tivesse sido integrado na produção do saber, também teológico, e se as mulheres tivessem tido maior oportunidade de também decidir.

Sem sensibilidade, como é possível abrir-se

gratuitamente ao outro? E sem espiritualidade, como é possível o amor, o verdadeiro encontro com o outro, que precisa ser à maneira como o grande Outro nos amou? Todo imperativo ético só é possível se existir uma *boa-vontade de base*, impossível de gestá-la sem a dimensão mística, sem o espiritual. É a espiritualidade que nos leva a escutar nosso interior, e nos leva

a constatar que não somos vazios, que somos seres habitados, amados, de cuja experiência brota a capacidade e a força para também doar-se.

### *b) a educação na fé como desconstrução, em vista da reconstrução*

É à luz da utopia que, para uma educação contextualizada da fé, se situa o imperativo de aprender a saber reconstruir. Quem tem consciência histórica, ama a Igreja e tem compromisso com o futuro, não desconstrói para destruir, ao contrário, desconstrói para construir algo novo e melhor. Trabalha diferente, é diferente quem desconstrói para reconstruir, de quem desconstrói para destruir. Os que desconstroem para destruir o fazem sem projeto de futuro, sem perspectiva. Podem até fazê-lo com emoção, mas farão sem paixão, sem amor. Os que realmente amam, amam a Igreja, quando corrigem, nunca destroem, sempre desconstroem para reconstruir.

Só que, para reconstruir, faz-se necessário um espaço de liberdade para o exercício da criatividade, para certos ensaios, dado que o novo aparece sempre na ambiguidade, contraditório e, não raras vezes, marcado pela incoerência. Os que desconstroem para reconstruir, são profetas que incomodam, em que o poder, para não mudar, pode voltar-se contra eles, como auto-defesa de sua incoerência e mesquinhez. Sempre será preciso ter paciência com os profetas, porque surgem como vinho novo ameaçando o odre velho. Só na paciência se é capaz de inovar-se desconstruindo-se, justamente para reconstruir-se e reconstruir. Se normalmente somos tão devagar em abençoar os frutos, então, por coerência, não sejamos mais rápidos em amaldiçoar as iniciativas.

Saber reconstruir é uma tarefa comunitária, sintonizada com o momento em que se está, conhecedora da realidade circundante e compromissada com uma utopia, capaz de impedir a inovação simplesmente como moda ou resposta a questões conjunturais ou pessoais. Quem desconstrói para reconstruir, sabe que não pode trabalhar sozinho. Só os que desconstroem para destruir, são amigos da solidão.

### **A MODO DE CONCLUSÃO**

Educar na fé, não é simplesmente transmitir a positividade cristã como um corpo de verdades, em vista de um assentimento intelectual. Como toda educação, também a educação da fé é uma experiência que implica a assimilação do dado novo pelo sujeito que o recebe, no contexto cultural em que ele vive. Por isso, a educação da fé é sempre um processo evangelizador em duas vias. É um evangelizar, na medida em que é testemunho e anúncio de uma Palavra salvadora, mas é também um evangelizar-se, porquanto a elaboração de uma versão própria de

---

*“Os que realmente amam a Igreja, quando corrigem, nunca destroem, sempre desconstroem para reconstruir”*

---

cristianismo, acrescenta algo à própria cultura e à versão de cristianismo daquele que veiculou a mensagem reveladora.

Uma educação inculturada da fé, no momento presente da Igreja na América Latina, passa pela criação ou recriação de uma Igreja culturalmente nova. Recriação, pois já existe uma Igreja com rosto próprio na América Latina, mas que, dadas as grandes transformações em curso, necessita urgentemente ser remodelado. E criação, pois está aí o desafio de desconstruir o que já está defazado pela história, seja isso realidades ou visões. Não menor, entretanto, é a apaixonante tarefa, como educação inculturada da fé, de reconstruir este rosto latino-americano à luz de uma utopia mobilizadora, capaz de sintonizar a Igreja com os novos "sinais dos tempos", interpelação do Espírito de um Deus que salva na história.

## NOTAS

<sup>1</sup> Para uma visão mais completa da questão, cf. A. BRIGHENTI, *Por una Evangelización Inculturada. Principios pedagógicos y Pasos Metodológicos*, Paulinas, Bogotá 1997, 139 p.

<sup>2</sup> Quando se fala em "inculturação", isso se refere à fé. Quando o objeto é a Igreja, que também é fator cultural, o mais correto é falar de um processo que passa pela endoculturação (socialização primária) e, depois, pela enculturação (socialização secundária).

<sup>3</sup> Por exemplo, para Marcello de C. Azevedo, "não estamos diante de um tema de moda ou de um aditvo acadêmico", já para José Comblin "a inculturação é assunto da moda dos anos '90, sem dúvida não irá além do ano 2000", Cf M. FABRI DOS ANJOS (Org.) *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, Vozes-SOTER, Petrópolis 1995, p. 13 e 11, respectivamente.

<sup>4</sup> Cf M. AZEVEDO, Cristianismo, una experiência multicultural. Cómo vivir y anunciar la fe cristiana en las diferentes culturas, *Medellín* 83 (1995) 229-249. "Deliberadamente" no sentido, por um lado, de renúncia a um projeto de cristandade e, por outro, de tomada de consciência e vigilância epistemológica em relação à questão.

<sup>5</sup> Utilizamos o termo "macro-ecumênico" no sentido de um diálogo inter ou plurirreligioso.

<sup>6</sup> Cf D. IRARRÁZAVAL, *Práctica y teología en la inculturación*, *Páginas* 122 (1993) 32-48, aqui p. 32.

<sup>7</sup> Cf R. DUARTE, *Inculturación en la Revelación*, *Ephemerides Mexicana* 33 (1993) 331-34; G. BAENA, *Fundamentos bíblicos de la inculturación del Evangelio*, *Theologica Xaveriana* 106 (1993) 125-161.

<sup>8</sup> Cf At 17, 19-34; A. TORRES QUEIRUGA, "Inculturación de la Fe", em C. FLORISTÁN - J. J. TAMAYO (edts.), *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, Ediciones Cristiandad, Madrid 1983, p. 371-480, aqui p. 473.

<sup>9</sup> Cf A. GONZÁLEZ DORADO, *Inculturación y endoculturación de la Iglesia en América Latina*. Anotaciones para una investigación del proceso, *Estudios Eclesiásticos* 255 (1990) 405-442, aqui 409. Neste sentido, convém recordar que os primeiros cristãos, por algum tempo, continuaram frequentando as sinagogas.

<sup>10</sup> Cf At 11,26.

<sup>11</sup> Com relação a este termo, At 11,26 diz que esse nome se deu por primeira vez aos discípulos de Jesus em Antioquia, pelo ano 43, provavelmente não pelos judeus, mas pelos gentios que assim chamavam os discípulos, reconhecendo neles um grupo

religioso distinto daquele dos judeus e que se caracterizava por invocar o nome de Cristo, Cf *Diccionario Enciclopédico de la Biblia*, Herder, Barcelona 1993, p. 373.

<sup>12</sup> Mt 28,19.

<sup>13</sup> Cf At 15.

<sup>14</sup> Cf A. GONZÁLEZ DORADO, *Inculturación y endoculturación de la Iglesia en América Latina*, op. cit., p. 410.

<sup>15</sup> Entendemos que a inculturação se tornou uma questão pertinente, no sentido de que se apresenta como um desafio para a eclesiologia e que a impulsiona a assimilá-lo em seu próprio regime interno, enquanto disciplina teológica. Para a eclesiologia atual, a inculturação não é um tema opcional, mas paradigmático.

<sup>16</sup> Cf A. TORRES QUEIRUGA, "Inculturación de la Fe", op. cit., p. 475.

<sup>17</sup> J. PAULO II, *Discurso aos intelectuais e ao mundo universitário*, Medellín, 5 de julho 1986, 2.

<sup>18</sup> Cf EN 20.

<sup>19</sup> Esta era a posição defendida por M. Lefebvre e seu grupo, para opôr-se à liberdade religiosa definida pelo Concílio e concebida por ele como "loucura".

<sup>20</sup> Sobretudo *Ad Gentes* coloca a questão da inculturação na ordem do dia.

<sup>21</sup> AG 21.

<sup>22</sup> Cf A. GONZÁLEZ DORADO, *Inculturación y endoculturación de la Iglesia en América Latina*, op. cit., p. 410.

<sup>23</sup> LG 16.

<sup>24</sup> Cf AG 3; P. SUESS, *Evangelizar os Pobres e os Outros a Partir de suas Culturas*. Uma proposta de fundo para Santo Domingo, *REB* 206 (1992) 364-386, aqui p. 380.

<sup>25</sup> Cf M. AZEVEDO, "Contexto geral do desafio da inculturação", em M. FABRI DOS ANJOS (Org.) *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, op. cit., p. 13-14.

<sup>26</sup> Cf DP 412.

<sup>27</sup> Cf D. IRARRÁZAVAL, *Práctica y teología en la inculturación*, *Páginas* 122 (1993) 32-48, aqui p. 32.

<sup>28</sup> Cf P. SUESS, "A disputa da inculturação", em M. FABRI DOS ANJOS (Org.) *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, op. cit., p. 113.

<sup>29</sup> Entendemos "relevância" no sentido da inculturação ter se tornado um desafio eclesiológico que tenta responder a uma realidade pastoral percebida hoje com maior clarividência, dada a evolução das práticas eclesiais e da reflexão teológica e suas disciplinas auxiliares.

<sup>30</sup> Cf D. IRARRÁZAVAL, *Práctica y teología en la inculturación*, op. cit., p. 33.

<sup>31</sup> Cf J. -M. MARDONES, *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento*, Sal Terrae, Santander 1991; P. VALADIER, *L'Eglise en procès*, Calmann-Lévy, 1987.

<sup>32</sup> Cf J. COMBLIN, "Evangelização e inculturação: implicações pastorais", em M. FABRI DOS ANJOS (Org.) *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, op. cit., p. 60-76. Sobre a relação modernidade-inculturação, Cf F. LOPEZ-P. SALVAT, *Cultura, modernidad e inculturación de la fe, Persona y Sociedad* 1 (1993) 95-109. Para uma crítica da modernidade, Cf A. TOURAINE, *Critique de la modernité*, Fayard, Paris 1992.

<sup>33</sup> Cf Gemán NEIRA, *Una dimensión de encarnación: la evangelización inculturada*, *Theologica Xaveriana* 105 (1993) 67-85, aqui p. 77.

<sup>34</sup> Uma boa visão sobre a questão encontra-se em J.-F. LYOTARD, *La condition postmoderne*, Minuit, Paris 1979.

<sup>35</sup> Sobre esta categoria, cf. A. BRIGHENTI, *A inteligência da fé num contexto de pós-modernidade*, *Encontros Teológicos* 22 (1997/1) 21-29.

<sup>36</sup> Cf P.-F. CARNEIRO DE ANDRADE, *A condição pós-moderna como desafio à pastoral popular*, *REB* 209 (1993) 99-113, aqui p. 111-112.

<sup>37</sup> Cf D. IRARRÁZAVAL, *Práctica y teología en la inculturación*, op. cit., p. 34.

<sup>38</sup> Cf M. AZEVEDO, "Contexto geral do desafio da inculturação", op. cit., p. 13-27.

<sup>39</sup> Cf H.-H. GADAMER, *Verdad y método*, Sígueme, Salamanca 1977; P. RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, Seuil, Paris 1969; ID., *De l'interprétation*, Seuil, Paris 1969; ID., "Sciences humaines et conditionnements de la foi", in AA.VV., *Dieu aujourd'hui*, Semaine des intellectuels catholiques, DDB, Paris 1969, p. 147-156; ID., "Pour une prédication au monde", in AA.VV., *L'Église vers l'avenir*, Cerf, Paris 1969, p. 147-156.

<sup>40</sup> Cf P. SUESS, No Verbo se fez Carne, o Evangelho se faz cultura, *REB* 54/213 (1994) 36-49; AA.VV. Evangelho e Culturas, *Estudos Bíblicos* n. 41, Vozes e Sinodal, Petrópolis/São Leopoldo, 1994.

<sup>41</sup> Cf DV 21 §1 (a Tradição, com a Bíblia, é a suprema regra de fé); DV 9 §1 (deve ser reverenciada como a Bíblia).

<sup>42</sup> DV §10.

<sup>43</sup> DV §9.

<sup>44</sup> Conceito usado por Paul Ricoeur.

<sup>45</sup> Cf T. H. GROMME, Inculturación: como proceder en un contexto pastoral, op. cit., p. 164-165.

<sup>46</sup> DV §8.

<sup>47</sup> Termo de origem grega "*hermenéuein*", utilizado a partir do século XVII no âmbito protestante e, a partir do século XVIII entre os católicos, para designar a reflexão sobre os métodos de interpretação bíblica e a sistematização desta reflexão. Com o termo se pretendia registrar a distinção entre "exegese", enquanto realização concreta da interpretação e "hermenêutica", enquanto investigação e formulação dos princípios e regras válidas para a interpretação das Escrituras. Hoje, o termo hermenêutica, com os trabalhos de Heidegger, Gadamer e Ricoeur, tem outro significado ou um significado mais amplo, como veremos mais adiante. Cf A. MARQUÊS, "Hermenêutica", em C. FLORISTÁN Y J.J. TAMAYO, *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, op. cit., p. 410-426, aqui p. 410-411.

<sup>48</sup> Cf T. H. GROMME, Inculturación: como proceder en un contexto pastoral, op. cit., p. 166.

<sup>49</sup> Cf A. GONZÁLEZ DORADO, op. cit., p. 409-410. Ver, também, L. BOFF, O conflito de dois modelos de Evangelização para a América Latina, op. cit., p. 357.

<sup>50</sup> Cf P. SUESS, "A disputa pela inculturação", op. cit., p. 116.

<sup>51</sup> Isso não quer dizer que a nova interpretação não seja igualmente fruto de um ato de Igreja, em sintonia com o Magisterio e em relação aos elementos essenciais dos conteúdos da fé católica. Não se trata, aqui, nem de livre arbítrio, nem de livre interpretação, mas de compreensão da Mensagem revelada a partir das matrizes da própria cultura.

<sup>52</sup> Cf P. RICHARD, Por una Evangelización liberadora de la cultura, op. cit., p. 33.

<sup>53</sup> Cf A. BRIGHENTI, A Igreja na América Latina. Mito, Realidade e Utopia, in *Diocese em Foco, Órgão Oficial de divulgação da Diocese de Tubarão*, outubro 1997, p. 6-21.

<sup>54</sup> Utilizamos o termo "utopia", no sentido de Thomas Morus, ou seja, uma verdade ou realidade possível, que ainda não foi historicizada.

---

\* O Autor é Doutor em Ciências Teológicas  
e Professor de Teologia Sistemática no ITESC

Endereço do Autor:

Caixa Postal 5041- ITESC  
88040-970 - FLORIANÓPOLIS, SC

---

Fraternidade e Educação

---

# Mestres: Não basta saber

## O posicionamento do Mestre Jesus no Evangelho de Lucas

Pe. Celso Loraschi\*

**N**o Projeto de Evangelização Rumo ao Novo Milênio, a Igreja, neste ano de 1998, nos propõe o estudo do Evangelho de Lucas. A Campanha da Fraternidade reflete sobre o tema "Educação" como um dos meios mais privilegiados para que as pessoas saiam da miséria. A prática de Jesus de Nazaré, que veio "para que todos tenham vida", nos indica caminhos para uma educação que nos liberta do egoísmo, defende e promove o direito à vida. Quero seguir aqui uma trilha, oferecida por Lucas, que pode nos levar a conhecer melhor o jeito de ser do educador Jesus numa sociedade marcada por profundos contrastes

sociais, onde massas enormes de seres humanos eram excluídas.

### QUE DEVO FAZER?

Na obra de Lucas (Evangelho e Atos dos Apóstolos) encontramos seis momentos em que aparece a pergunta: *O que devo/deveremos fazer?*: Lc 3,10-14; 10,25; 18,18; At 2,37; 16,30; 22,10. A pergunta revela uma relação discípulo-mestre. Mostra a disposição de quem quer aprender e colocar em prática os ensinamentos que vai receber.

Em At 2,37 são os "homens da Judéia e todos os que residiam em Jerusalém", que ficam tocados